



Clarissa Motter¹
Fernanda Capibaribe²
Felipe Viero³
Leandro Bessa⁴

DOI: [doi.org/ 10.31501/esf.v1i27.14725](https://doi.org/10.31501/esf.v1i27.14725)

O que pode um corpo? Quais discursos o habitam, por onde transitam as suas garantias de acessos e através de quais marcas se exprimem as recusas? Sabemos que o entendimento em torno do corpo vai muito além de sua materialidade. Corpos são simbólicos, incidem em existências, carregam marcas. Compõem uma geografia espaço-temporal através da qual se expressam, no interstício entre a construção subjetiva e o pertencimento coletivo. Sendo assim, as corporalidades entendidas em sentido amplo - material e simbolicamente; individual e coletivamente - acumulam avenidas identitárias e não podem prescindir dos fenômenos comunicacionais para serem compreendidos em suas subjetividades. Dentre os vários marcadores sociais que atravessam corpos e existências, estão os estudos de gênero, talvez a primeira enunciação subjetiva comunicada aos corpos. Nesse sentido, trabalhar a interface entre esses estudos e os fenômenos comunicacionais se faz pertinente e tem sido uma constante, sobretudo em anos mais recentes.

O crescimento dos estudos feministas no Brasil permitiu a instauração de um campo analítico, epistemológico e político radicalmente novo e amplo para os estudos comunicacionais. Agrupados sob o compromisso de oferecer questionamentos efetivos aos

¹ Doutora; Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília - DF, Brasil. claris.motter@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5242-6922>.

² Doutora. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife - PE, Brasil. fernanda.capibaribe@ufpe.br | <https://orcid.org/0000-0002-8918-2730>.

³ Doutor. Universidade de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto - MG, Brasil. felipeviero@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8051-126X>.

⁴ Doutor. Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília - DF, Brasil. lbessa.art@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-4869-5887>.

modos de produção da desigualdade e suas formas de normatização dos corpos, das identidades e das sexualidades, os estudos de gênero oferecem condições empíricas e epistêmicas para, no contexto da pesquisa em comunicação, participarem desde a percepção dos fenômenos até a proposição teórica e metodológica. Se a pesquisa em comunicação orientada pela perspectiva de gênero tem ganhado maturidade desde os anos 1970, a ampliação do campo de interesses permitiu um rico movimento em direção aos estudos das sexualidades, aos estudos queer e, mais recentemente, à abordagem transfeminista. Numa perspectiva interdisciplinar, tais proposições vêm remodelando de forma relevante os estudos dedicados aos processos comunicacionais que, ao agregar questões de gênero cada vez mais atravessadas por outras avenidas identitárias, tais como sexualidade, raça, classe e territorialidade, passam a demonstrar os impactos significativos que advém dessa correlação entre Comunicação e as Geografias (Trans)Feministas / Queer. Observamos, por exemplo, um crescimento no número de disciplinas implantadas em grades curriculares de cursos de graduação e pós-graduação da área, abordando tais conteúdos de maneira central ou tangencial, o desenvolvimento de projetos e grupos de pesquisa e extensão coordenados por pesquisadoras/es da área que se organizam em torno dos gêneros e das sexualidades em sua interface com a Comunicação, um expressivo aumento das pesquisas, em torno dessas temáticas, em trabalhos de conclusão de curso, em dissertações de mestrado e em teses de doutorado, a proposição e implantação de grupos de trabalho em congressos e encontros na área de comunicação e, também, na proposição de dossiês específicos, em diversos periódicos da área de Comunicação, que evidenciam a pluralidade e a diversidade de pesquisas que, a partir de nosso lugar, lançam olhares sobre os gêneros e as sexualidades.

É nesse cenário, dinâmico, abrangente e social e politicamente engajado, que surgiu a proposta, que agora se materializa a partir da publicação deste dossiê, que reúne uma entrevista, vinte artigos e um ensaio visual. O dossiê “Comunicação, Gêneros e Sexualidades” é fruto de uma parceria estabelecida entre a Revista Esferas, que completa 10 anos em 2023,

e o GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades, da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, que em 2023 chegou a sua quinta edição.

A coletânea de artigos apresentados converge em torno das complexidades e transformações das identidades de gênero e sexualidade, oferecendo uma perspectiva interdisciplinar e crítica sobre essas questões. As pessoas autoras exploram os múltiplos aspectos que envolvem tais temáticas, cuja abrangência dialoga com áreas como cultura, mídia, arte, comunicação e análises de produções culturais, como documentários, filmes e álbuns musicais, além de investigações sobre práticas de comunicação online e representações midiáticas. Em um esforço para dar voz às experiências de grupos invisibilizados e marginalizados, os artigos dão destaque às vivências de pessoas trans, não-binárias e LGBTQIAP+.

Uma característica comum entre esses artigos é a ênfase na desconstrução das normas e estereótipos de gênero e sexualidade. As pessoas autoras mergulham nas nuances dessas normas e exploram como elas são contestadas, subvertidas e renegociadas. Ao fazê-lo, elas desvendam a forma como tais normas são construídas e como estereótipos podem ser empregados tanto como ferramentas de diferenciação quanto de reconhecimento. A narrativa e a representação são temas recorrentes, com vários artigos investigando como histórias, imagens e discursos contribuem para moldar percepções e desdobramentos das identidades de gênero e sexualidade.

Além disso, a coletânea deste dossiê reflete sobre as dinâmicas de poder presentes nessas questões. As diversas análises críticas das práticas midiáticas e culturais revela como certas normas são mantidas e como a cisheteronormatividade pode ser perpetuada por meio de discursos e representações. No entanto, os artigos também apontam para momentos de transformação e resistência, nos quais indivíduos e grupos desafiam ativamente essas estruturas. No cerne desses estudos está uma compreensão de que gênero e sexualidade não

são fixos, mas sim construções complexas, moldadas por narrativas, poder e identidade, que continuam a evoluir e a se adaptar às mudanças sociais e culturais.

A entrevista “Experiência Travesti: Conversa Com Amara Moira sobre Lutas, Visibilidade e Comunidade Trans” com a escritora e professora de literatura, Amara Moira, abre o dossiê. Amara Moira comenta as vidas e experiências trans em relação a diversos cenários e marcadores de existência: em relação ao nome social, nas lutas travadas envolvendo o campo do simbólico e o imaginário social, sobre os processos criativos e de memória em sua escrita autobiográfica e, ainda, discorre em torno do papel das redes sociais relacionadas à visibilidade e construção de comunidades de vivências trans. Eixos, no qual ela levanta questões relevantes para o debate sobre a transgeneridade do ponto de vista da justiça social, do respeito e alteridade.

O primeiro artigo do dossiê, “AMAR É SUFICIENTE? Afetos e gênero nas disputas por legitimidade e tradição em AmarElo – É tudo pra ontem”, resultado da “escrita coletiva” de Wendi Yu, Daniel Oliveira de Farias, Itania Maria Mota Gomes e Bruno Souza Leal, realiza uma análise profunda das relações entre afetos, gênero e as contendas por legitimidade e tradição presentes no documentário “AmarElo – É Tudo Pra Ontem”, produzido pelo rapper brasileiro Emicida e lançado em 2020. O foco do estudo é compreender como o amor e as representações de gênero dentro do documentário geram tensões e revelam dinâmicas heterogêneas. O texto explora a maneira como o documentário utiliza esses elementos para acionar identidades de gênero, estabelecendo alianças afetivas ao longo de seu percurso discursivo. Além disso, as pessoas autoras investigam como o documentário se empenha em legitimar e reconstruir narrativas em meio a disputas por tradição, além de defenderem uma política afetiva do amor baseada em conexão, aliança e reconhecimento das lutas passadas e presentes, enquanto celebra a escrita coletiva que abraça diversidades e conflitos pessoais como fundamentais para transformações e resistências. Uma versão inicial do artigo foi apresentada no GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades na edição de 2021.

Já o artigo com o título "O grotesco midiático e a resistência de corpos travestis em reportagens policiais", de Weberson Ferreira Dias, Suely Henrique de Aquino Gomes, Deyvisson Pereira da Costa e Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira, explora a subversão das narrativas travestis em reportagens do YouTube nos anos de 2009 e 2015. Eles aplicam a metodologia da cartografia deleuziana, utilizando o conceito de agenciamento. O estudo identifica a utilização do humor-resistência como um dos principais recursos comunicativos empregados pelas travestis nas reportagens. Esse humor busca desvinculá-las da marginalidade que o jornalismo muitas vezes tenta associar a elas. Através do uso do riso, as travestis se tornam protagonistas de suas próprias histórias e criam espaços de visibilidade e respeito. Nesta perspectiva, o artigo sustenta que as Travestis usam o humor para subverter a marginalização midiática, desafiando estereótipos em vídeos online. Através do riso, elas criam contra-representações, ganham visibilidade na internet e desafiam normas cisgêneras, enquanto Repórteres usam agenciamentos para conectá-las ao grotesco.

No artigo "Silenciamentos Em Diálogos Sobre Gênero Com Crianças", os autores Luiza Guimarães e Fábio Hansen exploram situações de silenciamento entre crianças de 5 a 9 anos na região de Curitiba. Utilizando uma atividade inspirada na Disney Princesa, eles desenvolvem um protocolo metodológico baseado na Análise de Discurso, adaptado ao desenvolvimento infantil. Através de desenhos, colagens e falas, as crianças revelam três formas de silenciamento dos sentidos atribuídos ao feminino pela memória discursiva. O estudo destaca como as crianças resistem ao discurso hegemônico da "cultura da princesa" por meio do diálogo como discurso de resistência.

O artigo "Notas sobre imagens de mulheres que encaram meninas mortas" de Karina Gomes Barbosa, analisa as representações femininas nas séries "The Killing" e "Sharp Objects". A autora explora olhares femininos, abordagens de corpos e modos de enunciação nas séries, utilizando análise fílmica e abordagem crítica feminista. O texto explora como a violência é retratada, refletindo sobre representações, identidade e discurso. Também discute a cooptação

capitalista das demandas feministas na cultura pop, resultando em narrativas que fetichizam a violência e despolitizam a questão. Barbosa demonstra que as séries perpetuam imagens objetificadas e heroínas solitárias, falhando em abordar o desejo masculino pela violência e a busca por justiça e verdade.

O artigo intitulado "Retrato da Temática LGBTQIA+ na Gestão da Diversidade da Avon Brasil", de Gustavo David Araujo Freire e Maria Ivete Trevisan Fossá, analisa a relação histórica entre a Avon Brasil e a temática LGBTQIA+. O estudo de caso examina a aproximação da empresa com essa temática, explorando avanços, limites e pontos de tensão. Utilizando múltiplas fontes de evidência, o estudo demonstra que a Avon Brasil tem se destacado na gestão da diversidade sexual e de gênero, mas também apresenta limitações dentro do contexto organizacional.

No artigo "'O cis-tema vai cair, no Slam Marginália!': narrativas audiovisíveis e politicidades em um coletivo LGBTQIAP+", a autora Gabriela Cleveston Gelain apresenta uma etnografia sobre o coletivo Slam Marginália, composto por pessoas trans, não-binárias, desertoras de gênero e gêneros dissidentes. A pesquisa foi realizada entre 2019 e 2022. A autora examina como as narrativas audiovisíveis do coletivo contribuem para a construção subjetiva de uma realidade queer, questionando a cisgeneridade e contribuem para politicidades e redes de afeto e resistência LGBTQIAP+ em São Paulo. Ela explora como as performances do coletivo, enquanto políticas de audiovisibilidade, desempenham um papel fundamental na construção de uma esfera política contestadora e mais eficaz, além de que fortalece redes de afeto visando a sobrevivência de pessoas LGBTQIAP+.

No artigo "Identidades LGBTQIAP+ em 'Coisa Mais Linda' sob a perspectiva dos Estudos Culturais", os autores Tomaz Affonso Penner e Claudinei Lopes Junior exploram, a partir dos Estudos Culturais, como as séries televisivas podem criar significados, entrelaçando conceitos como identidade e representação. Focando na primeira temporada da série original Netflix "Coisa Mais Linda", a análise centra-se na forma como as identidades LGBTQIAP+ são

abordadas. A pesquisa identifica a representação dessas identidades e o protagonismo feminino como elementos transformadores em relação às convenções tradicionalmente observadas na teledramaturgia brasileira. Para Penner e Lopes Junior o protagonismo de personagens femininas e LGBTQIAP+ contribuem para a ruptura com o que é historicamente apresentado na televisão nacional, contestando não apenas as sexualidades, mas classe, família e sociedade.

No artigo intitulado "Encruzilhadas e espaços-seguros da mulher negra em 'Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água'", as autoras e autor Barbara Lima, Josué Gomes e Maria Gislene Carvalho Fonseca realizam uma análise das dimensões do feminino negro no álbum da cantora Luedji Luna. Utilizando os conceitos de Encruzilhada, de Leda Maria Martins, e de Espaços Seguros, de Patrícia Hill Collins, o estudo se concentra nas faixas "Chororô", "Ain't I a Woman?" e "Lençóis". Através destas análises, os autores discutem os processos de autodefinição manifestados pelo corpo da artista, que evoca encruzilhadas-fêmeas em sua jornada pelo tempo e espaço. O artigo mostra que o álbum visual de Luedji Luna explora encruzilhada e espaço seguro, destacando o corpo da artista como mulher negra que se relaciona com a cidade, fé, festa e outras mulheres. A encruzilhada não apenas como cenário, mas conceito, entrelaça contradições afetivas na narrativa. Luedji reimagina a encruzilhada como território de habitação para a mulher negra, desafiando normas patriarcais e sugerindo equidade nas religiões afrobrasileiras. O trabalho da artista apresenta uma Pombagira, que ao questionar, reafirma sua feminilidade. Esses elementos entrecruzam autodefinição, espaço seguro e temporalidade, redesenhando o tempo em espiral.

O artigo de Nealla Valentim Machado, intitulado "Nudes: vigilância, subjetividades e os processos comunicacionais na internet", explora o crescente impulso participativo na produção de conteúdo online e as práticas de vigilância associadas à autodescoberta e reconhecimento. Os "nudes" são examinados como espaços privilegiados para a criação de subjetividades. A autora observa como blogueiros, influenciadores e usuários comuns exibem versões editadas

de suas vidas, conectando essas representações às operações de formação do “eu”. O estudo argumenta que essas “identidades” expostas nas redes sociais são produtos de operações de subjetivação que se baseiam na interatividade e na simulação digital, gerando transformações alinhadas aos padrões performativos. Ao analisarem a troca de nudes na internet, a autora demonstra que tal prática reflete a lógica neoliberal nos relacionamentos atuais, onde o mercado de afetos e individualização moldam o “eu”. Para Nealla Valentim Machado, nudes, enquanto produtos desejados e padronizados, podem solidificar ou desafiar normas sexuais vigentes. Essa prática desafia noções de sexualidade feminina e tensiona convenções hegemônicas. Ao mesmo tempo, os nudes revelam as lógicas capitalistas e liberais dos relacionamentos, utilizadas por sujeitos para lucrar e exibir intimidade na sociedade contemporânea.

No artigo intitulado “Transrústica: Ampliar o Comum do Cariri pelo Choque do Corpo com as Tradições”, Walisson Angélico de Araújo e Jorge Cardoso Filho exploram a performance da artista Rondinele Furtado e sua drag, a Transrústica, no contexto do Cariri cearense. Utilizando uma abordagem cartográfica, eles refletem sobre os limites normativos das identidades e culturas, destacando a importância do corpo e dos artefatos na produção de saberes dissidentes. A performance de Rondinele/Transrústica desafia os códigos tradicionais, ampliando a tradição sem negá-la, e representa uma articulação estético-política de resistência e transgressão. O estudo busca entender como a performance transcende limites e promove uma arte que vai além das normas conservadoras, abrindo espaço para uma cartografia dos afetos que explorará as possibilidades de brechas e tensões produzidas por essa performance.

No trabalho intitulado “O Centauro e as experiências entendidas: um episódio da protoimprensa gay brasileira”, o autor Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior e a autora Maria Cristina Gobbi têm como objetivo introduzir o conceito de protoimprensa gay brasileira. O artigo analisa uma edição de um periódico homossexual de 1968, O Centauro, utilizando métodos de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. Autora e autor destacam como estereótipos

funcionam como ferramentas para diferenciar ou reconhecer indivíduos dentro ou fora do grupo. O estudo também revela a mimetização dos conteúdos deste veículo em um formato jornalístico tradicional, incluindo a coluna de mexericos, uma derivação das colunas sociais.

Já no artigo "O Papel Pedagógico da Mídia no Dispositivo da Sexualidade", as autoras Joana Ziller, Dayane do Carmo Barretos e Kellen do Carmo Xavier defendem a ideia de que a mídia desempenha um papel pedagógico no contexto da sexualidade, conforme abordado por Michel Foucault. A partir do conceito de dispositivo, o estudo explora como diversas produções midiáticas contribuem para a manutenção da cisheteronormatividade e da binariedade de gênero como padrões sociais, desde a infância até a idade adulta. O artigo enfatiza que a mídia não apenas proíbe e oculta, mas também constrói representações do que é considerado desejável do ponto de vista normativo. As autoras demonstram que os estudos de gênero e sexualidade enfatizam a cisheteronormatividade e que a binaridade de gênero são construções sociais, não naturais, problematizando, sobretudo, o papel da mídia na reafirmação cotidiana dessas normas, o que acaba por promover estilos de vida desejáveis e marginalização das dissidências. As resistências muitas vezes atingem um público limitado, enquanto a mídia mainstream perpetua normas, restringindo possibilidades e moldando o entendimento de gênero.

Já no artigo "Um retrato, a mesma face: desigualdades de gênero no campo científico da Comunicação", as autoras Laura Wottrich, Milena Freire de Oliveira-Cruz e Gabriela Habckost têm como objetivo sistematizar e analisar as relações de gênero na produção de conhecimento no campo da Comunicação no Brasil, com dados atualizados até 2021. O mapeamento investiga a presença de mulheres em Programas de Pós-Graduação, bolsas de Produtividade em Pesquisa, composição de diretorias de entidades e associações relevantes e autoria em revistas renomadas, identificando a persistência das desigualdades de gênero. Com 57 cursos vigentes, as autoras ressaltam a diversidade e pluralidade de saberes na área, enquanto a análise revela a persistência das desigualdades identificadas, mostrando variações nas Bolsas

Produtividade, mantendo algumas dinâmicas de gênero nas entidades e indicando diferenças nas publicações em periódicos, possivelmente influenciadas pela pandemia. Concluindo que, apesar de trazer algumas alterações, o cenário permanece inalterado, o estudo aponta para a necessidade de abordagens relativas, comparativas e contextualizadas em futuras investigações. Uma versão inicial do artigo foi apresentada no GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades na edição de 2022.

O artigo "Textualidade, deseducação e experiência em práticas de ódio contra a população LGBTQ+" proposto por Ettore Stefani de Medeiros, Carlos Magno Camargos Mendonça e Gregory Rial explora as relações entre textualidade, educação e experiência ao relacionar práticas de ódio LGBTQ+fóbicas a possíveis exercícios educacionais. A análise destaca como a repetição da experiência violenta se relaciona com uma forma de educação totalitária que busca regular subjetividades não hegemônicas. Nessa perspectiva, os autores destacam que a formação do ódio está ligada a processos educacionais que limitam as possibilidades dos sujeitos, influenciados por uma experiência radical. Por essa via, a textualidade violenta, desde a infância, comunica a impossibilidade de existência para corpos LGBTQ+, perpetuando uma hierarquia de avaliação e imposição de normas. A experiência comunicacional da violência deseduca para vivências igualitárias, promovendo um exercício pedagógico que ensina como um corpo deve ser para viver. Uma versão inicial do artigo foi apresentada no GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades na edição de 2021.

No estudo "A subjetividade nos processos comunicativos de uma relação poliamorosa em trisal", o autor José Fernando Patiño Torres e a autora Camila Ribeiro Castro Soares investigam a configuração subjetiva do poliamor em um relacionamento entre três pessoas. A pesquisa, com base na Epistemologia Qualitativa, identifica a importância da comunicação ética no trisal para a produção de sentidos subjetivos relacionados à sexualidade e gênero ao longo do envolvimento poliamoroso. Essa investigação aponta para a produção de novos sentidos subjetivos, como a experiência bissexual entre participantes, o que acaba por

tensionar a heteronormatividade. Além do que a identificação de gênero é discutida com base na subjetividade, enquanto a comunicação ética entre os membros do trisal promove a criação de um arranjo poliamoroso, destacando a complexidade dos processos comunicativos na construção dos sentidos subjetivos.

O estudo "Usos da linguagem neutra na comunicação de pessoas trans: um estudo exploratório", conduzido por Luis Mauro Sa Martino e Ariel Ícaro Boraso Giagio, investiga o uso da linguagem neutra por pessoas trans e não-binárias. O artigo examina como essa linguagem influencia a autoimagem, comunidades transcentradas e vínculos comunitários, explorando as relações entre gênero e discurso conforme abordadas por Michel Foucault. Na visão de Martino e Giagio, a emergência das identidades não-binárias suscita a discussão de uma variação confortável para os usuários e a partilha desse contexto com outros para quem isso é inédito. Por outro lado, a falta de expressão consolidada e a linguagem neutra refletem a diversidade, e a dificuldade de uso em espaços não-transcentrados e a relutância em corrigir refletem a complexidade e a necessidade de compreensão da não-binariedade como parte da experiência humana.

O tema no nome em uma perspectiva da transgeneridade reaparece no artigo intitulado "Quem é o seu nome? Marcadores de gênero e o direito à identidade própria", de Juarez Guimarães Dias. O autor investiga como marcadores de gênero como sexo biológico e nome próprio impactam o direito à identidade de sujeitos dissidentes das normas de gênero. Por meio de análises de escritas afetivas e performativas, o estudo aborda a escolha do nome próprio, a relação entre nome civil e nome social, além das implicações do nome retificado e nome morto na construção da alteridade. Por essa via, nomes próprios narram histórias e identidades, conectando-se a alteridade para existência social. Questões de cisgeneridade e transgeneridade, regulações legais e conquistas são exploradas. Pessoas dissidentes reivindicam legibilidade em espaços midiáticos. Mediante tais leituras, Dias ratifica que as

inscrições, mediadas pelo nome, refletem sobre narrativas de si, estratégias de visibilidade e políticas de sobrevivência, e que viver significa construir-se e ficcionar-se

No artigo intitulado "Contraconduta de gênero e o estabelecimento de novas subjetivações em Paloma", os autores Diego Gouveia Moreira e Dyego Mendes do Nascimento, analisam o filme "Paloma", pioneiro no cinema pernambucano com uma protagonista transgênera. O estudo problematiza como a contraconduta da personagem estabelece novos processos de subjetivação relacionados à transgeneridade. Além de uma revisão bibliográfica sobre poder e gênero, a pesquisa explora as cenas do filme que abordam a temática, ressaltando sua importância para uma compreensão ampliada da transgeneridade. Sob a abordagem teórica de Paul B. Preciado, os autores afirmam que o filme "Paloma" age como tecnologia sexual, abordando subversão de gênero. O longa-metragem destaca a protagonista em luta contra normas e enclausuramento identitário. Nesse sentido, segundo os autores, o filme motiva ações não hegemônicas, buscando criar possibilidades de ação, além de reafirmar a importância de se dar protagonismo à transgeneridade em mais filmes para avançarmos em questões de reconhecimento, respeito e direitos.

No artigo "Homão da porra: Rodrigo Hilbert e a rede textual de masculinidades transformadas", Juliana Soares Gonçalves, analisa as enunciações de Rodrigo Hilbert como um "homem desconstruído". O estudo examina a construção simbólica dessa masculinidade transformada, que evidencia mudanças superficiais, mas mantém estruturas cis-heteronormativas. Através de análises de materialidades midiáticas, a pesquisa utiliza o conceito de tecnologias e próteses de gênero para compreender as configurações simbólicas das masculinidades em uma rede textual. A partir da análise do projeto de masculinidade transformada de Hilbert, a autora destaca a adoção seletiva de práticas associadas ao feminino e a virilidade, buscando prestígio ao abraçar sensibilidade e cuidado, mas também reforça características tradicionalmente viris. Isso demonstra que sua desconstrução ocorre dentro de limites cis-heteronormativos. Além disso, a análise revela tensões na construção da imagem do

"homão da porra", como denúncias de Fernanda Lima sobre sua experiência exaustiva com a filha.

Por fim, o ensaio visual "Existir/Insistir", de autoria de Marcelo Forte, encerra o dossiê, apresentando imagens que exploram as camadas e nuances de uma sexualidade em meio às normas de masculinidade. Por meio de desenhos, fotografias e objetos, o ensaio reflete sobre a construção da identidade masculina, abordando as estratégias e modos de existência em um mundo marcado por convenções de gênero. Objetos indiciários de um passado latente simboliza o resgate de uma identidade reprimida. As imagens montagem de Marcelo Forte fazem vibrar o passado esquecido, destacando como que a busca por traços, recordações e pequenos fragmentos da memória falam da sua autodescoberta e de liberdade.